

A Adega Cooperativa de Favaios: os antecedentes e os primeiros anos de laboração (1956-1960)*

Jorge Filipe de Araújo¹ • Miguel Alexandre Costa²

1. Antecedentes históricos

As primeiras referências a produtores de moscatel, fabricado só com uma casta, o moscatel galego, em Favaios, datam do século XIX. A produção foi durante muitos anos exportada para vários países, destacando-se a Grã-Bretanha e o Brasil como principais mercados consumidores. Aumentava a procura e também a área do plantio, o que permitia, no início do século XX uma produção situada entre as 200 e 300 pipas³. O começo do benefício do moscatel data do período em que Favaios deixou de ser sede do concelho⁴, em 1855. Aliás, serão deste período os primeiros produtores nomeados pelos Doutor Carlos Amorim, que assinala os irmãos Joaquim, Dr. João e Eustáquio Teixeira Lima, Manuel Lopes Pereira Moutinho, Francisco Serafim de Barros e José Clímaco da Vieira⁵.

É evidente que o Portugal de então revelava uma evidente falta de articulação entre a indústria e a agricultura, pautando-se a economia do reino por um atraso estrutural significativo ao qual os governos da monarquia procuraram dar solução, nomeadamente através da substituição das importações⁶, em vigor a partir de 1890.

* Comunicação apresentada no II Encontro Internacional de História da Vinha e do Vinho no Vale do Douro (Outubro de 2004).

¹ Mestre em História Medieval pela FLUP.

² Licenciado em História – Variante de Arqueologia pela FLUP.

³ AMORIM, Carlos – *O Moscatel de Favaios*, Ed. Adega Cooperativa de Favaios, 1996, p. 15.

⁴ *Idem*, p. 36.

⁵ *Idem*, p. 15.

⁶ SILVEIRA, Joel Frederico da – *Alguns aspectos da política económica do fascismo: 1926-1933 (Da crise de sobreprodução ao condicionalismo industrial)*, 1982, p. 346.

Esta política foi aprofundada pela conjuntura da Grande Guerra e pela crescente concorrência dos países estrangeiros. Já em plena I República, os governos adoptaram uma política deflacionária aliada a uma súbita revalorização da moeda, a partir de 1924, procurando melhorar a situação do sector agro-exportador, nomeadamente o seu sector vinícola⁷.

Durante a Primeira Guerra Mundial a maior procura de vinho conduziu a um incremento do benefício e alguns produtores constituíram-se mesmo em sociedades para promoverem ainda mais a colocação do vinho moscatel no Brasil⁸. Com a crescente procura, os produtores alargaram as plantações de videira, mas verificaram que nem todos os terrenos eram passíveis de serem aproveitados. A produção, mesmo assim, chegou a um quantitativo entre as 1500 e 1800 pipas anuais, alargando-se geograficamente a Alijó e à Granja. Nesta altura, todo o moscatel era vendido para tratamento às casas exportadoras, permitindo um importante impulso económico que permitiu melhoramentos locais e a elevação do próprio nível cultural, elevando Favaios à “povoação mais valiosa do concelho, nutrido período de euforia e desafogo”⁹.

Apesar das sucessivas tentativas para solucionar a crise, a partir de 1928, já em plena ditadura, o volume global do comércio externo apresentará uma tendência depressiva irreversível¹⁰. É nesta conjuntura que surgem os obstáculos que limitaram os produtores de moscatel em Favaios praticamente até à constituição da Adega Cooperativa, em 1952, e que iriam perdurar nos anos seguintes.

A doutrina corporativista da Ditadura e as consequências da crise mundial¹¹ provocada pelo Crash de 1929 levam o Governo a criar medidas institucionais com vista a disciplinar as forças produtivas. A crise interna de sobreprodução afectara severamente o valor do comércio externo, devendo-se este problema sobretudo à depreciação crescente do valor dos produtos tradicionais de exportação, os vinhos, as conservas e a cortiça¹², devido à quebra dos preços nos mercados internacionais.

Durante a Segunda Guerra Mundial, sobretudo a partir de 1941, Portugal teve também de reagir à conjuntura externa com políticas económicas típicas de uma

⁷ *Idem*, p. 353.

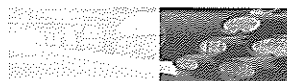
⁸ AMORIM, Carlos – *O Moscatel de Favaios*, Ed. Adega Cooperativa de Favaios, 1996, p. 19.

⁹ *Idem*, p. 29.

¹⁰ SILVEIRA, Joel Frederico da – *Alguns aspectos da política económica do fascismo: 1926-1933 (Da crise de sobreprodução ao condicionalismo industrial)*, 1982, p. 354.

¹¹ AMORIM, Carlos – *Fundação da Casa do Douro*, Adega Cooperativa de Favaios, 1991, p.11.

¹² SILVEIRA, Joel Frederico da – *Alguns aspectos da política económica do fascismo: 1926-1933 (Da crise de sobreprodução ao condicionalismo industrial)*, 1982, p. 369.



“economia de guerra”¹³, traduzida na intensificação da regulação económica estatal. Nesta altura agrava-se a quebra da produtividade na agricultura mercê não só da falta de adubos e outros meios de produção e dos maus anos agrícolas mas também da política agrícola do Governo, escolhendo a contenção de preços no produtor, incentivando deste modo o desvio dos géneros agrícolas¹⁴.

Mais tarde, em 1952, será aprovado o I Plano de Fomento, um conjunto de investimentos públicos a que foram afectados recursos financeiros, mas ainda não iria contemplar a necessidade de modernização das estruturas agrícolas¹⁵, de forma a garantir o aumento da produtividade do sector e um mercado interno mais alargado.

2. A fundação da Adegas Cooperativas

A via escolhida para solucionar os problemas provocados pela crise mundial de 1929 era a do forte intervencionismo estatal, a nível de produção. Devido à situação em que se encontrava o Douro, foi criada a Casa do Douro, em 19 de Novembro de 1932¹⁶, a partir de estudos efectuados pelo Sindicato Agrícola de Favaio, com a intenção de permitir um primeiro passo na ordenação da produção.

Este Sindicato Agrícola organizara no ano anterior várias conferências para debater os problemas da região do Douro, mas apenas uma foi realizada, em 16 de Agosto de 1931, sobre “A Crise do Douro e seus Remédios”, pelo Dr. Amílcar de Sousa. Uma segunda conferência, sobre “O Vinho do Porto e seus Mercados Externos”, marcada para Setembro, foi proibida por ordem superior. Seria organizada nova reunião, com a cumplicidade dos Sindicatos Agrícolas de Barqueiros, de Santa Marta e de Favaio, este representado pelo Dr. Samuel Barros da Veiga¹⁷.

O Sindicato de Favaio procurou enviar circulares aos sócios, tornando público o propósito de continuar a debater estas questões, enviando cópias para os outros Sindicatos Agrícolas, os jornais diários, alguns semanários, Câmaras Municipais, Autoridades Administrativas e os próprios Ministros do Interior e Agricultura. As autoridades concelhias continuaram a não ver com bons olhos a iniciativa, proibindo a realização da reunião agendada para o dia 26 de Dezembro. Adoptaram-se várias medidas protogremiais ou “pré-corporativas”¹⁸, uma das quais foi a diminui-

¹³ *Nova Historia de Portugal*, vol. XII, 1990, p. 319.

¹⁴ *Idem*, p. 320.

¹⁵ *Idem*, p. 325.

¹⁶ AMORIM, Carlos – *O Moscatel de Favaio*, Ed. Adegas Cooperativas de Favaio, 1996, p.65.

¹⁷ AMORIM, Carlos – *Fundação da Casa do Douro*, Adegas Cooperativas de Favaio, 1991, p.18.

¹⁸ *Nova Historia de Portugal*, vol. XII, 1990, p.132.

ção do quantitativo do benefício, obrigando-se a dar saída aos vinhos que ficassem em consumo. A portaria n.º 8198 de 12 de Agosto de 1935 fixava a altitude como factor determinante para a concessão do benefício, estabelecendo esta concessão entre os 70 e os 500 metros.

Outro critério estipulado era o da natureza geológica do terreno, pelo qual se proibia o benefício de mostos provenientes de vinhas instaladas em terrenos de origem granítica. Estes factores prejudicavam de forma extraordinária a produção de moscatel uma vez que este era cultivado em altitudes um pouco superiores a 500 metros, o limite fixado, e a origem dos terrenos apoiava aptidões diferentes para vinhos de primeira ou de segunda. Este foi um golpe violento para uma região onde sempre existira um regime de liberdade em relação ao benefício do mosto até 1929.

As vozes de protesto faziam recordar, mais tarde, que “o que se beneficiava era bastante para satisfazer as encomendas e havia a preocupação por parte do comércio de aumentar os *stocks* para o envelhecimento dos vinhos”¹⁹. O limite do benefício também só aproveitava aos vinhos de qualidade inferior²⁰, a quem o comércio daria primazia quando surgisse a conveniência de maior quantidade.

Em Março de 1937 os viticultores de Favaios entregaram uma representação à Direcção da Casa do Douro para se debater o assunto²¹. Dizendo que a produção se cifrava em quase 2000 pipas, pediam à Casa do Douro que o moscatel fosse abrangido pelo critério de benefício adoptado para os vinhos de segunda e adaptado às condições de produção. Pelo menos, a Direcção afirmará, em 1947, que o critério parecia ser imperfeito. O que é certo é que durante algum tempo o benefício não foi permitido, com excepção da vindima de 1947, data em que o Conselho Geral do Instituto do Vinho do Porto estabeleceu um contingente especial para os moscatéis de toda a região, cabendo ao de Favaios o total de 75 pipas²².

Uma vez que as críticas eram abundantes, foi criado nesse mesmo ano um outro método, o Método de Pontuação, com o qual se organizou um cadastro de cada propriedade vitícola, cujo valor se sintetiza num número²³. Na ficha cadastral constavam a produção manifestada e a autorização de benefícios anuais e a pontuação²⁴ baseada em factores diversos. Estes factores entravam com pontos positivos e negativos para a pontuação total.

¹⁹ AMORIM, Carlos – *O Moscatel de Favaios*, Ed. Adega Cooperativa de Favaios, 1996, p. 55.

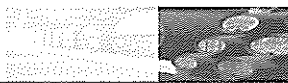
²⁰ *Idem*, p. 56.

²¹ *Idem*, p. 27.

²² *Idem*, p. 17.

²³ *Idem*, p. 17.

²⁴ *Idem*, p. 57.



Método de Pontuação (1947)

Classes	Pontuação	Produção por milheiro atribuída ²⁵
A	+ 1200	700 litros
B	1001-1200	600 litros
C	801-1000	500 litros
D	601-800	400 litros
E	401-600	300 litros
F	201-400	?
Subclasses	+++	?
	++	?
	+	?
	--	?
	-	?

Sectores avaliados²⁶

Solo	Clima	Condições de Cultura
Natureza do terreno	Localização	Castas
Produtividade	Altitude	Feição cultural ou armação
Inclinação	Abrigo	Idade da vinha
Cascalho	Exposição	Compasso

Em 1951, a produção de Moscatel abrangia parte do lugar e freguesia de Favaios e parte do lugar da Granja, freguesia de Alijó²⁷. Mas os produtores queixavam-se da decadência provocada pela crise da região demarcada do Douro e pela limitação progressiva do benefício a partir de 1938, tanto que se formara uma Comissão Pró-Moscatel de Favaios,²⁸ que em Fevereiro de 1951 procurava, desta forma, mostrar o seu desalento junto das autoridades.

Em Maio do mesmo ano, desta vez através do Encarregado da Casa dos Vinicultores de Favaios, os produtores endereçam um novo ofício ao Presidente da Direcção do Grémio dos Vinicultores de Alijó, reforçando as suas queixas contra o problema do benefício, alicerçando a exposição na dependência em relação a essa

²⁵ O autor do texto afirma que estes valores variam anualmente, de acordo com o quantitativo de benefício estabelecido.

²⁶ Os elementos mais importantes eram os da produtividade (120 pontos), altitude (150 pontos), castas (150 pontos) e localização (600 pontos).

²⁷ AMORIM, Carlos – *O Moscatel de Favaios*, Ed. Adega Cooperativa de Favaios, 1996, p. 29.

²⁸ *Idem*, p. 30.

riqueza local. Afirmavam também que só em pequena zona, com solo de certo grau de fertilidade, é que o vinho adquiria os seus atributos peculiares. Tal referência respondia a uma tentativa das autoridades, que apontavam o aumento da área de produção como uma das soluções. Contudo, a opinião geral era contrária a esta possibilidade, uma vez que “os terrenos que se podiam aproveitar já estão ocupados”²⁹. Insurgiam-se por outro lado contra o facto de Favaios ser prejudicada por “ir buscar-se a terras diferentes mostos para cobrirem as litragens de benefícios autorizadas a propriedades que não as produziram”³⁰, desvirtuando as normas em vigor.

O que pediam os produtores de Favaios? O benefício, evidentemente, mas também a criação de uma sub-região de Favaios, própria para a produção do Moscatel, como já fora sugerido nos Cadernos do Instituto do Vinho do Porto, em Agosto de 1947³¹.

Nova petição dos lavradores de Favaios, reunidos em Comissão, dirigida ao Presidente da Direcção da Casa do Douro, surgiu em Setembro. Desta vez procuraram o auxílio das entidades concelhias: notavam-se as presenças do Presidente da Câmara de Alijó e do Sr. Bulas Cruz, Presidente da Direcção do Grémio dos Vinicultores de Alijó, que também acumulava os cargos de Procurador ao Conselho Geral da Casa do Douro e o de vogal do Conselho de Direcção. A insistência foi recompensada com o reconhecimento e autorização do benefício para o moscatel, que os lavradores titulavam de “acto de justiça e de reparação”³². Os membros da Comissão ficaram algo desapontados ao conhecer a quantidade autorizada, que prejudicava tanto os lavradores como os exportadores. Propunham, então, que na futura colheita fossem autorizados a tratar mais 500 pipas de mosto Moscatel, queixando-se mais uma vez contra “o erro preliminar de submeter os terrenos deste tipo de vinho às normas gerais do sistema cadastral”³³.

O prejuízo conduz a mais uma exposição ao Presidente da Direcção da Casa do Douro, em Abril de 1955, desta vez já assinada pelos dirigentes da Adega Cooperativa. O texto refere que todos os sócios empregavam a casta moscatel, obrigando a Adega a destinar parte da sua laboração à queima³⁴, devido aos limites ainda impostos. Segundo os responsáveis pela instituição, “este propósito não tende à valorização do produto, antes baixa a sua cotação como sucede também

²⁹ *Idem*, p. 32.

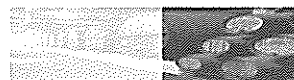
³⁰ *Idem*, p. 32.

³¹ *Idem*, p. 32.

³² *Idem*, p. 34.

³³ *Idem*, p. 34.

³⁴ *Idem*, p. 37.



quando o vinho é vendido para consumo. Compram-no, sim, mas por preços menores”³⁵. Novamente os lucros eram afectados pela política do Método de Pontuação, baseado na altitude e na produtividade. Se o Método não era abolido, então sugeriam que a pontuação da altitude fosse modificada tendo em atenção que o mosto era produzido em cotas situadas entre os 550 e 620 metros, e contando que a colheita resultava normalmente em duas pipas por milheiro de vinha³⁶.

No ano seguinte, data da fundação da Adega, foram estabelecidas novas normas de benefício, sendo autorizada a litragem até 400 pipas, mas os responsáveis pela Adega prescindiram desta concessão³⁷ devido ao fraco estado das uvas. Em 1957 foram beneficiadas 272 pipas, baixando o número para 80 pipas em 1958. No ano de 1959 julgaram também oportuno não beneficiar o moscatel uma vez que também se previa vinho de fraca qualidade.

3. Primeiros resultados

A Adega Cooperativa possuía um corpo directivo constituído essencialmente por três elementos, um Presidente, um Tesoureiro e um Secretário, destacando-se o nome de Carlos Amorim, o principal impulsionador da Adega e seu primeiro presidente:

Anos	Direcção
1956	Presidente – Carlos Amorim da Costa e Silva Tesoureiro – António Augusto de Assunção Júnior Secretário – Joaquim Pinto de Carvalho
1957	Presidente – Carlos Amorim da Costa e Silva Tesoureiro – António dos Santos Carvalho Júnior Secretário – Joaquim Pinto de Carvalho
1958	Presidente – Carlos Amorim da Costa e Silva Tesoureiro – António dos Santos Carvalho Júnior Secretário – Joaquim César Pinto Furtado

³⁵ *Idem*, p. 37.

³⁶ *Idem*, p. 38.

³⁷ *Idem*, p. 45.

©Anos	Direcção
1956 1957	Presidente – Dr. Camilo de Barros Sousa Botelho Vogal – Álvaro de Castro Vogal – Joaquim César Pinto Furtado
1958	Presidente – Dr. Camilo de Barros Sousa Botelho Vogal – Mateus Augusto de Sepúlveda e Sampaio Vogal – Luís da Rocha Barros
1959	Presidente – Dr. Camilo de Barros Sousa Botelho Vogal – Luís da Rocha Barros
1960	Presidente – Dr. Camilo de Barros Sousa Botelho Vogal – Mateus Augusto de Sepúlveda e Sampaio Vogal – Luís da Rocha Barros

Os balanços realizados no mês de Dezembro³⁸ permitem analisar com pormenor as variantes da produção vinícola e o tipo de encargos que a Adega deveria suportar. O vinho que se produzia era, obviamente, vinho moscatel generoso e vinho de pasto, este em maior quantidade devido aos factores já expostos. Destacam-se igualmente os sub-produtos da laboração: a água-pé, a aguardente bagaceira, a grainha, o bagaço, as borras e o sarro³⁹.

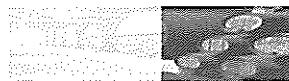
Em 1956 são apenas assinalados 57 associados, mas o número cresce no ano seguinte, com 66 sócios a entregar uvas para vinho moscatel e 110 com produção para vinho de pasto⁴⁰. Obviamente, deveremos considerar que os produtores se poderão repetir em ambas as listas, para as quais ainda não possuímos os nomes. Em 1958 o número de sócios que entregaram uvas diminui, registando-se 49 para o vinho generoso e 91 sócios com uvas para vinho de pasto⁴¹.

³⁸ Cf. Anexo 1.

³⁹ Cf. Anexo 4.

⁴⁰ *Adega Cooperativa de Favaios. Relatórios, balanços e contas – 1956/1957*, Imprensa do Douro, Régua, 1957.

⁴¹ *Adega Cooperativa de Favaios. Relatórios, balanços e contas – 1958*, Imprensa do Douro, Régua, 1958.



N.º de Sócios que entregaram uvas

Ano	Vinho Generoso	Vinho de Pasto	Total
1956 ⁴²	-	57	129
1957	66	110	?
1958	49	91	?
1959	-	95	?
1960 ⁴³	?	?	118

Os relatórios de balanços e contas apresentam o Activo e o Passivo, em valores totais que, curiosamente, surgem sempre idênticos em todos os anos de laboração em análise.

A Adega foi constituída a 24 de Dezembro de 1951 e obteve a aprovação dos seus Estatutos por alvará de 4 de Março de 1952, publicado por Diário do Governo nº 69, 3ª série, de 21 do mesmo mês⁴⁴. No dia 1 de Junho de 1953 abriram-se as inscrições para sócios, sem restrições, contabilizando a Adega um total de 114 vinicultores. Mais tarde, em 1956, abriram-se também inscrições para produtores até 5 pipas de vinho que aumentaram o total de sócios para 129.

Em relação às instalações da Adega, existia um projecto inicial que pretendia albergar até 1500 pipas de vinho. Para fazer face a despesas relacionadas com o projecto, foi pedido um empréstimo à Junta de Colonização Interna⁴⁵ no valor de 900.000\$00, por 40 anos. A obra foi adjudicada a um construtor do Porto. As obras da primeira fase de construção tiveram início no começo de 1956 e apesar das más condições climáticas as obras terminaram ainda a tempo das vindimas.

Desde cedo existiu grande preocupação com o moscatel. Já em 1953, os responsáveis tentaram aproveitar as uvas de moscatel para a produção de uvas passas, através de um acordo com a COMPAL (Companhia Produtora de Conservas

⁴² É assinalado apenas o total de sócios: 57.

⁴³ É assinalado apenas o total de sócios: 118.

⁴⁴ "...Aprovados os estatutos com que pretende constituir-se uma associação agrícola com a denominação de «Adega Cooperativa de Favaíos S.C.R.L.» com sede na freguesia de Favaíos do concelho de Alijó e circunscrição limitada à área da mesma freguesia e ainda às vinhas exploradas pelos seus associados nas freguesias limítrofes desta, mas obrigando-se a Cooperativa a aceitar a alteração da sua área social na medida em que superiormente for julgado necessário". Cf. *Diário do Governo*, nº 69, 3ª Série de 21 de Março de 1952, p. 574.

⁴⁵ Este organismo estatal teve durante as décadas de 30 e 40 uma acção importante no desenvolvimento económico do País através de um esforço de "colonização interna racionalizada", que acompanhou a campanha geral de produção agrária. Cf. MARQUES, A. H. de - *História de Portugal*, vol. 3: *Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias*, Ed. Presença, 13ª ed, Lisboa, 1998, p. 490.

Alimentícias). Os resultados não foram, contudo, os mais satisfatórios, uma vez que o calibre da uva depois de empastada não era o desejado.

Os direitos dos vinicultores foram sempre preocupação premente, realizando-se diversas conferências com a Direcção da Casa do Douro para os assegurar, principalmente a obtenção do benefício para o mosto do moscatel, que neste primeiro ano de laboração foi de 400 pipas. A Adega conseguiu igualmente obter a concessão de algumas facilidades por parte da Casa do Douro, tais como o fornecimento de aguardente a crédito e o financiamento do vinho beneficiado. Este vinho tinha de ser negociado pela Adega sem intervenção da Casa do Douro.

O Inverno rigoroso e prolongado⁴⁶ teve como consequências a produção de uvas de fraca qualidade e podres, pelo que, após reunião com os associados, se optou por não tratar o vinho moscatel. A produção não foi abundante mas surgiram alguns problemas com o escoamento do vinho, transitando para o ano seguinte grande quantidade de vinho.

Em 1957⁴⁷ foi pedido à Casa do Douro para se beneficiarem 552,5 pipas de moscatel, ficando a produção abaixo das expectativas. Apenas foram produzidas 230 pipas de vinho moscatel, provenientes de 66 sócios, ao qual foram adicionadas 80 pipas de aguardente. No que respeita ao vinho de pasto, foram entregues por 110 sócios 762 pipas de vinho.

No ano seguinte, a produção diminuiu, registando-se um menor número de sócios a entregar vinho. Perante esta conjuntura, a Adega optou por fazer um pedido de autorização de benefício à Casa do Douro para apenas 80 pipas, numa óbvia atitude de prudência face aos resultados anteriores. Deste modo, foram entregues, apenas por 49 sócios, o equivalente a 80 pipas de moscatel, ao qual foram adicionados 23,5 pipas de aguardente. Em relação ao vinho de pasto, 91 sócios entregaram o equivalente a 313 pipas de vinho branco e 417 de vinho tinto.

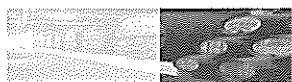
No balanço efectuado em Dezembro de 1959⁴⁸, a Direcção congratulava-se, afirmando que o ano que passara permitira melhorar a situação financeira da Cooperativa devido à venda dos vinhos beneficiados, derivado de alguma animação no negócio do Vinho do Porto⁴⁹. Desta forma, a Adega conseguiu libertar-se da dívida para com a Casa do Douro, relacionada com o financiamento do Moscatel, e

⁴⁶ *Adega Cooperativa de Favaios. Relatórios, balanços e contas – 1956/1957*, Imprensa do Douro, Régua, 1957, p. 5.

⁴⁷ Cf. Anexo 2.

⁴⁸ Cf. Anexo 3.

⁴⁹ *Adega Cooperativa de Favaios. Relatório, balanço e contas da direcção e parecer do conselho fiscal do ano de 1959*, Imprensa do Douro, Régua, 1959, p. 3.



pagar mais prestações devidas à Junta de Colonização Interna. A Adega recebeu também generosos auxílios do Estado, através do Fundo do Fomento de Exportação, e da Casa do Douro, pelo Fundo Corporativo.

A instituição registou um aumento do consumo de vinho de pasto nas zonas duriense e transmontana, “tal o conceito que o produto alcançou”⁵⁰, mas os responsáveis reconheciam que as vendas seriam maiores se possuíssem meios de transporte próprios.

A vindima de 1959 decorreu de forma anormal⁵¹, mais uma vez em consequência das más condições do tempo, que influenciaram a qualidade do mosto. Apenas 95 sócios entregaram uvas, queixando-se os responsáveis que outros não cumpriram as declarações que tinham efectuado. Esta questão era urgente e de extrema importância para a Direcção, apontando-a como motivo de grandes prejuízos para a Adega.

Apesar de tudo, a venda do Moscatel armazenado permitiu ao organismo “dispor de meios com os quais possa promover a efectivação de certas aspirações”⁵², tais como constituir um fundo destinado a facilitar financiamentos mais avultados que poderiam permitir o pagamento aproximado do crédito de cada associado, logo após a vindima.

Neste ano a Casa do Douro autorizou o benefício de 20 pipas de moscatel, mas a Direcção, atendendo ao estado das uvas, decidiu, em conjunto com os associados, não tratar o mosto. Portanto, apenas se produziu vinho de pasto, contabilizado em 380 pipas de vinho branco e 340 pipas de vinho tinto.

Em 1960 a Adega de Favaios não deixou de pagar mais uma prestação à Junta de Colonização Interna e efectuaram-se obras nos armazéns, participadas pela Casa do Douro, através do Fundo Corporativo da Federação e do Fundo do Fomento de Exportação.

O ano passou sem grandes problemas, de tal forma que conseguiram atender aos pedidos de financiamento e liquidar aos poucos os créditos aos associados. Para além do vinho engarrafado, venderam bastante vinho a granel.

Em termos de despesas de laboração podemos destacar a aquisição de custos de vindima e o aluguer de veículos para o transporte de uvas. Tentaram também adquirir material para a venda de vinho, nomeadamente um meio de transporte, e desenvolver meios de propaganda eficazes para a divulgação dos produtos da

⁵⁰ *Idem*, p. 4.

⁵¹ *Idem*, p. 5.

⁵² *Idem*, p. 6.

Adega. É com este objectivo que a Adega participa neste mesmo ano numa exposição de vinhos em Lisboa.

No ano de 1958 foi adquirido um aparelho de destilação de bagaços, uma bomba de transfega eléctrica comprada à Casa do Douro, embora já anteriormente na posse da Adega a título de empréstimo, uma bomba de transfega manual, um lavador e enchedor de garrafas manuais. Estes mecanismos eram necessários para a inscrição no Grémio dos Exportadores de Vinho e para a expansão do próprio mercado, registando os responsáveis, em 1959, bastante movimento de engarrafados⁵³, comprando-se mesmo algum vasilhame para substituir o vendido e apontando a necessidade de construir instalações próprias para o serviço de engarrafamento, não previstas no projecto inicial. Neste ano pensava-se em completar a construção da destilaria com o corpo que lhe faltava⁵⁴ e onde se concentrariam todos os trabalhos relacionados com o engarrafamento e que seria objecto de apreciação pela Casa do Douro.

Nesse mesmo ano foi adquirida uma bomba de transfega manual e cinco cascos de castanho. Apontava-se a necessidade de mais alguns para armazenar pequenas quantidades de vinho, uma vez que as cubas existentes não acomodavam o vinho existente de forma satisfatória, por serem de capacidade bastante superior. Para facilitar o trabalho da vindima, reconheceu-se a importância de adquirir um esmagador e uma bomba elevatória, apontando-se também pertinente a utilização de outro esgotador⁵⁵.

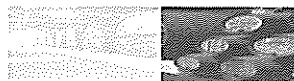
Em 1960 ainda era notória a necessidade de melhorar o serviço de entrega das uvas, uma vez que ainda só existia um aparelho de esmagamento, decidindo a Direcção montar outra unidade de recepção de uvas e adquirir outro esgotador. De referir que o material adquirido ou a adquirir era de fabrico nacional. Com estas aquisições foi possível receber ao mesmo tempo as uvas brancas e tintas. A vindima tornou relevante a construção da segunda fase da Adega, deliberando a Assembleia Geral solicitar à Casa do Douro a efectivação da obra. De facto, a vindima de 1960 foi a mais laboriosa pelo volume de entrega de uvas, atingindo a quantia de 1564 pipas, chegando ao ponto de muitos associados não terem possibilidade de recolher o excesso de vinho. O vinho beneficiado ficou em armazém separado, recorrendo a Adega também a outros armazéns, sendo um deles o que a Casa do Douro tinha alugado⁵⁶.

⁵³ *Idem*, p. 4.

⁵⁴ *Idem*, p. 5.

⁵⁵ *Idem*, p. 5.

⁵⁶ *Adega Cooperativa de Favaios. Relatório, balanço e contas da direcção e parecer do conselho fiscal do ano de 1960*, Imprensa do Douro, Régua, 1960, p. 5.



A venda do moscatel⁵⁷ contribuiu para liquidar a dívida relacionada com este vinho à Federação e financiar aos sócios a quase totalidade dos seus créditos.

Perante a perspectiva de exportação para as províncias ultramarinas e para o restante continente europeu, a Adega, em 1958, inscreve-se no Grémio do Comércio dos Exportadores de Vinho.

A nível nacional, o vinho enviado para as zonas do Porto e de Lisboa em 1959 foi em quantidades modestas⁵⁸, em grande parte devido à preocupação que os encarregados de venda levantavam quanto aos preços, pretendendo equipará-los com os das outras marcas, com preços mais baixos. Tornava-se necessário melhorar as condições de venda e facilitar a expansão do mercado. Os esforços não foram em vão porque conseguiram enviar para o Ultramar duas remessas de vinho, a título de experiência, tendo conhecimento mais tarde que “as primeiras impressões sobre o acolhimento foram bem animadoras”⁵⁹.

Em 1960 a exportação apresentava-se mais prometedora⁶⁰, destacando-se a venda de vinho engarrafado, que se mostrava mais vantajosa em termos de colocação no mercado. Este abrangia as cidades do Porto e Lisboa, bem como as províncias de Angola e Moçambique. Tendo a certeza que o mercado portuense poderia absorver um volume de vendas ainda maior, estudaram o assunto juntamente com o seu representante, esperando que a propaganda e o esforço servissem para elevar a quantidade colocada. Em Lisboa, por outro lado, foi necessário trocar de representante, uma vez que o anterior não correspondera às expectativas e promessas efectuadas.

Em Angola, o vinho alcançou uma situação muito favorável, embora condicionada pela lentidão da transferência de fundos e dificuldades de liquidação por parte da firma representante. Em Moçambique ainda não haviam conseguido colocar um representante da Adega.

A Direcção de 1960 não findou o seu mandato sem escrever: “Convencidos cada vez mais estamos de que a fundação da Cooperativa foi iniciativa da real utilidade para o meio que nela há-de encontrar um sensível factor da sua prosperidade e progresso”⁶¹.

⁵⁷ Cf. Anexo 5.

⁵⁸ *Adega Cooperativa de Favaio. Relatório, balanço e contas da direcção e parecer do conselho fiscal do ano de 1959*, Imprensa do Douro, Régua, 1959, p. 4.

⁵⁹ *Idem*, p. 4.

⁶⁰ *Adega Cooperativa de Favaio. Relatório, balanço e contas da direcção e parecer do conselho fiscal do ano de 1960*, Imprensa do Douro, Régua, 1960, p. 3.

⁶¹ *Adega Cooperativa de Favaio. Relatório, balanço e contas da direcção e parecer do conselho fiscal do ano de 1960*, Imprensa do Douro, Régua, 1960, p. 7.

Anexos

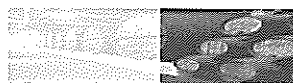
Anexo 1 – Balanço de 1956

Activo

Disponível			
Caixa			69.718\$10
Realizável		647\$00	
Devedores (Eugénio Canedo)			
Armazém:			
175 P. VT			
310 P. VB	181.114\$74	501.946\$54	
Sub-produtos:	320.831\$80		
16 P. de água-pé		6.528\$00	
Associados:			
(Saldo devedor da c/ Abonos)		234.937\$00	744.058\$54
Imobilizado			
Imóveis		1.288.847\$70	
Máquinas, Móveis e Utensílios		88.178\$50	
Taras e Vasilhame		68\$00	
Cauções		660\$00	1.377.754\$20
De Regularização			
Despesas de Constituição			9.700\$50
			2.201.231\$34

Passivo

Exigível			
Associados:			
(Saldos Credores da c/ Diversos e c/ uvas)		507.882\$04	
Casa do Douro:			
(Saldos Credores da c/ Diversos e c/ Financiamentos)		272.483\$90	780.365\$94
J. C. I. c/ Empréstimo		600.000\$00	
G. V. de Alijó c/ Empréstimo		97.500\$00	
Casa do Douro c/ Instalações e Apetrechamento		714.865\$40	1.412.365\$40
Situação Líquida			
Capital			8.500\$00
			2.201.231\$34



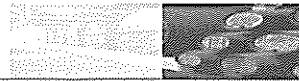
Anexo 2 – Balanço de 1957

Activo

Disponível			
Caixa			53.946\$28
Realizável			
Armazém:			
Vinho de pasto de 1956	253.520\$40		
Vinho generoso de 1957	1.156.420\$74		
Vinho de pasto de 1957	1.235.727\$69	2.645.668\$83	
Sub-produtos:			
Água-pé	1.650\$00		
Bagaço	700\$00	8.944\$40	
Grainha	6.594\$40		
Caves:			
Vinho de 1956 engarrafado		2.202\$50	
Associados:			
C/ géneros 1956	1.478\$00		
C/ liquidação 1956	3.028\$69		
C/ abonos 1957	578.207\$65		
C/ diversos 1957	2.363\$20		
C/ géneros 1957	33\$60	585.111\$14	
Devedores e Credores:			
(Saldos devedores)		62.951\$00	
Depósito de material diverso		21.085\$05	3.325.962\$92
De Regularização			
Despesas de constituição		10.728\$00	
Contas a regularizar		23.379\$67	34.107\$67
Imobilizado			
Imóveis		1.391.175\$75	
Máquinas, Móveis e Utensílios		117.904\$90	
Taras e Vasilhame		94.563\$46	
Cauções		660\$00	1.604.304\$11
Contas de Ordem			
Devedores por taxas em circulação			51.444\$00
			5.069.764\$98

Passivo

Exigível			
Associados:			
C/ liquidação 1956	70.894\$22		
C/ uvas moscatel 1957	576.283\$73		
C/ uvas vinho de pasto 1957	1.223.814\$75	1.770.992\$70	
Devedores e Credores:			
(saldos credores)		5.838\$50	
Casa do Douro:			
C/ diversos	5.062\$10		
C/ financiamentos 1957	221.078\$10		
C/ financ. Vinho gener. 1957	827.290\$50		
C/ financ. Vinho pasto 1957	564.536\$80	1.617.967\$50	3.394.798\$70
Exigível a Longo Prazo			
Casa do Douro C/ instalações e ape- trechamento		889.360\$50	
Junta de Colonização Interna		600.000\$00	
Grémio dos Vinicultores de Alijó		97.500\$00	1.586.860\$50
De Regularização			
Contas a regularizar			1.859\$20
Não Exigível			
Capital		8.55\$00	
Fundo de Reintegração de Taras e Vasilhame		3.000\$00	
Lucros e Perdas (Exercício de 1957)		23.302\$58	34.802\$58
Contas de Ordem			
Taras em circulação			51.444\$00
			5.069.764\$98



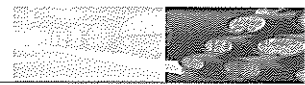
Anexo 3- Balanço de 1958

Activo

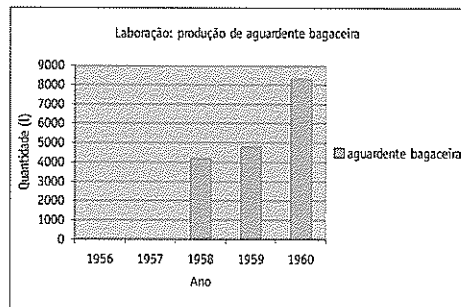
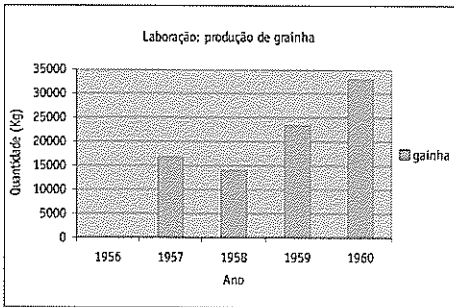
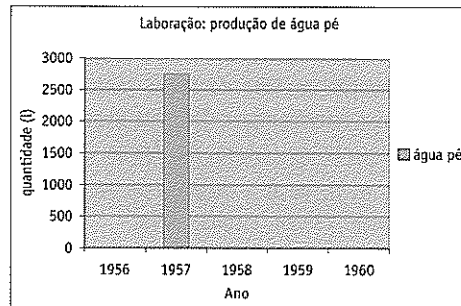
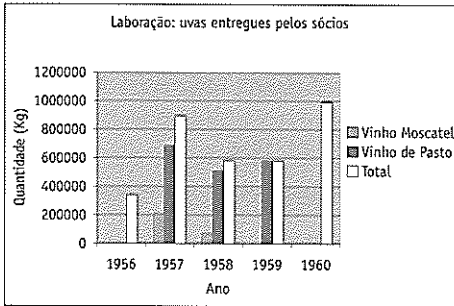
Disponível				
Caixa			25.099\$64	
Depósitos à Ordem			20.418\$00	45.517\$64
Realizável				
Armazém:				
Vinho generoso de 1957	871.750\$81			
Vinho generoso de 1958	356.920\$31			
Vinho de pasto de 1958	914.208\$00	2.142.879\$12		
Sub-produtos:				
Aguardente bagaceira	20.382\$50			
Bagaço	650\$00			
Grainha	3.069\$00	24.101\$50		
Engarrafados			559\$26	
Caves:				
Vinho de 1956 engarrafado	2.202\$50			
Vinho de 1957 engarrafado	1.196\$25	3.398\$75		
Associados:				
C/ abonos 1957	1.005.000\$00			
C/ abonos 1958	367.178\$50			
C/ diversos 1957	92.633\$76			
C/ diversos 1958	38.493\$60	1.503.305\$86		
Devedores e Credores:				
(Saldo devedores)			96.989\$29	
Depósito de material diverso			14.837\$29	3.786.071\$18
Imobilizado				
Imóveis			713.165\$73	
Máquinas, Móveis e Utensílios			239.788\$30	
Taras e Vasilhame			111.310\$96	
Cauções			660\$00	
Laboratório-Material			1.178\$90	1.066.103\$89
				4.897.692\$71

Passivo

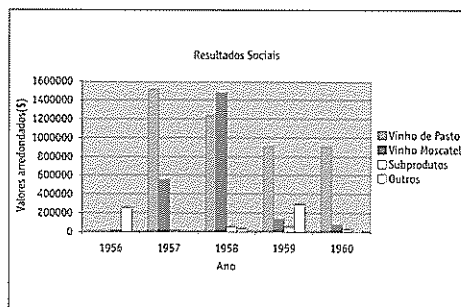
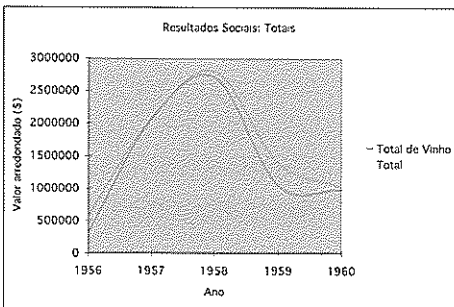
Exigível			
Associados:			
C/ das colheitas anteriores	1.121.890\$83		
C/ uvas moscatel de 1958	138.033\$71		
C/ uvas vinho de pasto 1958	914.308\$00	2.174.232\$54	
Devedores e Credores:			
Saldo desta conta		34.103\$74	
Casa do Douro:			
C/ diversos	2.324\$35		
C/ vinho generoso de 1957	601.398\$00		
C/ vinho generoso de 1958	265.550\$90		
C/ vinho de pasto de 1958	522.160\$00	1.391.443\$25	3.599.779\$53
Exigível a Longo Prazo			
Casa do Douro C/ instalações e ape- trechamento		9.533\$73	
Junta de Colonização Interna		877.815\$10	984.484\$83
Grémio dos Vinicultores de Alijó		97.500\$00	
Não Exigível			
Capital		18.850\$00	
Fundo de Reintegração de Taras e Vasilhame		6.000\$00	
Fundo de Amortização de Máquinas, Móveis e Utensílios		5.000\$00	
Fundo de Reserva Legal		3.302\$58	
Dividendos e Bónus		305\$29	
Lucros e Perdas (Exercício de 1958)		222.932\$88	313.064\$35
Taras em circulação		56.673\$60	
			4.897.692\$71



Anexo 4 – Resultado da laboração



Anexo 5 – Resultados sociais



Bibliografia

- Adegas Cooperativa de Favaio. *Relatórios, balanços e contas 1956/1957*, Imprensa do Douro, Régua, 1957.
- Adegas Cooperativa de Favaio. *Relatório, balanço e contas 1958*, Imprensa do Douro, Régua, 1958.
- Adegas Cooperativa de Favaio. *Relatório, Balanço e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal do ano de 1959*, Imprensa do Douro, Régua, 1959.

Adega Cooperativa de Favaios. Relatório, Balanço e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal do ano de 1960, Imprensa do Douro, Régua, 1960.

Diário do Governo, nº 69, 3ª Série de 21 de Março de 1952.

AMORIM, Carlos – *Acerca do método de pontuação*, Adega Cooperativa de Favaios, Favaios, 1990.

- *Fundação da Casa do Douro (Subsídios para a sua História)*, Adega Cooperativa de Favaios, Minerva Transmontana, TIP, Vila Real, 1991.

- *O Moscatel de Favaios*, Ed. Adega Cooperativa de Favaios, 2.ª Ed, 1996.

MARQUES, A. H. de O. – *História de Portugal*, vol. 3: *Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias*, Ed. Presença, 13ª ed, Lisboa, 1998.

Nova História de Portugal – vol. XII: Portugal e o Estado Novo (1930-1960), coord. de Fernando ROSAS, Editorial Presença, Lisboa, 1990.

SILVEIRA, Joel Frederico da – *Alguns aspectos da política económica do fascismo: 1926-1933 (Da crise de sobreprodução ao condicionalismo industrial)*, in "O Fascismo em Portugal. Actas do Colóquio realizado na Faculdade de Letras de Lisboa em Março de 1980", A Regra do Jogo, Lisboa, 1982.